

Quimera e literatura

Agustina Bessa Luís

Lembro Espinosa, que definia a superstição como a quimera do espírito humano. E assim caminhando no abandono dos pensamentos, chego ao assunto deste breve prelúdio à literatura brasileira. Para mim, os primeiros encontros com as Letras brasileiras foram fatais, porque as conheci pelo lado irreal e evocatório da narrativa doutro país de que nada se sabe. O lado quimérico, digamos. Havia em casa uma Biblioteca Internacional de Obras Célebres, compilada por gente douta e aplicada nos seus conhecimentos. Eram vinte e quatro volumes, com ilustrações relativas aos textos, obra de artistas famosos; tinha também retratos dos autores, e foi lá que pela primeira vez vi Puskin, George Sand, Machado de Assis, e muitos outros. Aos dez anos, tomar assim contacto com a literatura universal tem qualquer coisa de magia. A ninfa das águas, de Hoffmann, passando na aba dos exércitos de Napoleão, deixava-me uma impressão de curiosidade bem perto do amor pela arte de contar. Certas histórias aterradoras de Poe foi aí que as aprendi, assim como a sua poesia «O corvo», ou os líricos versos de «Annabel Lee». E tudo isso me deixava alvoroçada, quase febril. Eu admirava o poder narrativo de tão magníficos mestres que, para mim, eram magos, capazes de transformar em encantamentos as desilusões deste

mundo. Por isso eu me referi ao pensamento de Espinosa sobre a superstição. Mas, enquanto que a superstição nunca encontra durável satisfação para as desgraças humanas, e tem que ser constantemente mudada noutra superstição diferente, a arte narrativa, ficção estável e como tal reconhecida, não nos subjuga, só nos consola, não se torna um meio de governar as massas, mas um refúgio para os seus desastres e misérias, se eles são rotineiros e não desencadeados num ritmo desesperado.

A quimera da literatura começa por não ter cerimonial; não exige um respeito constante, não tem uma importância dominante. Tão depressa nos faz companhia, se a solicitamos, como a deixamos de lado, levando, no entanto, na mente o seu doce pretexto para tomar o mundo como uma fábula com consequências que a matéria suporta gloriosamente.

Um volume dedicado à literatura brasileira, além dos textos de autores hoje definitivamente consagrados, continha outros difíceis de situar mesmo para os peritos. Por exemplo, eu nunca conseguia saber quem era Escragnolle Dória, jornalista e novelista cujo estilo queirosiano me pareceu fascinante. O seu rasto, porém, parece ter desaparecido como uma pegada na neve coberta por outra neve ou varrida pelo vento. E, no entanto, penso ainda

hoje como era deliciosa a sua maneira de contar uma história urbana, passada entre a Avenida Rio Branco e a Rua do Ouvidor, com mulheres duma beleza indolente e os seus amantes imprevistos de colete de linho e um fio escuro ao canto do lábio, desenhado pela última chávina de café. Porém, um dia, encontrei numa História do Teatro Brasileiro o meu estranho autor, designado como professor, jornalista, contista e historiador, nascido no Rio de Janeiro em 1869 e falecido em 1948. Porque se perderam as suas pegadas, não o sei, tanto mais que no Rio não neva. O romance daqueles Adão e Eva da selva brasileira, de José de Alencar, e cuja última imagem para mim é a piroga improvisada que os leva no tumulto do rio engrossado pela tempestade, não o esqueci nunca mais. Quando estive em Recife e ouvi a descrição das cheias, que dantes aconteciam com extraordinária rapidez, juntando-se as águas como por ordem dum caos que reassume os seus direitos, eu pensei nas páginas de José de Alencar e na quimera que elas autorizavam. A selva com os seus poderes e as suas confissões; o ramo do nosso inconsciente vogando ao sabor das ondas, sem destino certo, pronto a deter-se diante dum obstáculo e sendo ele próprio obstáculo, cerne de vida, paixão acreditada pelos elementos. Esse aprofundar numa história, ao mesmo tempo irreal e verdadeira, deixava-me matéria de sedução para muitos dias. Machado de Assis, e a sua província discreta, feita de pequenos desígnios em que entram os desejos de melhor vida e amores maiores; Machado, com aquelas viúvas misteriosas e, no entanto, sem segredo, porque todos as conhecem e sabiam o seu nome e os seus hábitos. Mas a maneira como se sentam à popa dum barco, caladas, deixando que a quimera se alimente e forme no coração dos homens, que são apenas passageiros desse barco, e vão depressa sair e perder-se noutros lugares — isso era para mim uma aproximação da superstição de Espinosa. Mas enquanto que esta não tem outros suportes além da esperança, do ódio, da cólera e do engano, porque tira a sua origem não da razão mas da sensibilidade mais apaixonada, a superstição literária é

diferente. ela não é produzida pelo temor, nem se serve, em suma, das ilusões do espírito para ser admitida. Não é caprichosa e mudável porque corresponde à evidência do que é belo, e isso é uma constante do nosso entendimento. Não uma credulidade, mas uma fidelidade consumada. Voltando a essas páginas da Biblioteca — quem encontrei ainda? Nada menos que quadrilheiros famosos, correndo nos seus cavalinhos debaixo das cordas de chuva que estalavam nas folhas das bananeiras como em folhas de zinco. Eram pessoas sinistras, violadores, ladrões, mas não homens do sertão. Havia neles uma pequena fantasia que impede o total embrutecimento; quer fosse um desejo libidinoso que a iminência da morte torna uma ficção, um rito, um preconceito, quer fosse uma forma de melancolia que desencadeia o crime quase sedicioso, uma forma de culto à ruína duma vida, os quadrilheiros tinham uma alma persuasiva, vaga, pronta a integrar-se na natureza que, essa sim, era a mãe enorme dos seus desvíos e imaginações violentas. Escritor de tertúlia ou escritor de fazenda, todos me pareciam mensageiros duma cultura, representações visíveis da Providência tão profundamente situada pelo narrador nos limites do combate e da redenção humana. A poesia era também um espelho tanto da terra, como do clima e da pessoa, fosse nordestina, baiana, gaúcha ou carioca. A lírica pressupunha grandes espaços de coqueiros gigantes, os coqueiros plantados por D. João VI e que dominam as colinas dos Guararapes. Ou então a chácara, com as sinhás vestidas de branco, aparecendo como fantasmas na noite súbita, nos alpendres de madeira pintados de azul. De dentro percebia-se o brilho das loiças das Índias; e nos terrenos baixos o engenho do açúcar, entre as canas altas da plantação, parecia, com o telhado empedernido pela chuva, uma casa de duendes florestais e sagrados. Como o saú serenê, que só os loucos e as crianças podem ver saltitando na orla da floresta. A lírica urbana vinha de dentro das salas visitadas por negociantes com a corrente de ouro a brilhar sobre o ventre e uma palidez austera dessa ascese que é a contabilidade. Eu tinha

na família parentes que faziam parte dessa ficção prodigiosa, os chamados «marinheiros», homens de frotas mercantes, avançados nas ideias, prudentes na fortuna, moralistas por convicção, como se a moral fosse a situação dos vencedores e não a compensação dos humilhados. Se manusearmos a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, lá encontramos meu tio-avô Joaquim Bessa de Carvalho, um desses magnates sensíveis à supremacia futura, como os filhos de Abraão, e que foi amigo de Guerra Junqueiro e promotor político dos gênios da República. Naufragou nas próprias ficções, porque a confraria de que se fez parte lhe vendeu o túmulo, a essa e a lápide, e lançou à terra os seus ossos que eram quimera e agora são realidade na vala comum. Não é justo, mas se a justiça é ou não outra superstição, digam-no os inventores de leis que continuamente se renovam, como as superstições. Quanto a isto, venham raios e tempestades que o resolvam, que pouco há a fazer com a burocracia.

Esta chamada às minhas recordações brasileiras, por visões e palavras, sempre me comove. Quando eu fui ao Brasil foi como se voltasse a folhear as páginas daquela Biblioteca que aos dez anos abri pela primeira vez. Lá estava a Rua do

Ouvidor, intacta, com as casas de sobrado e as lojas de fazendas em cujo balcão se encosta um caixeiro que possivelmente faz versos e sabe de música erudita. Lá estava a Avenida Rio Branco, só que a burguesa de guarda-sol de cambraia não passeava arregaçando a cauda do vestido com a mão carregada de esmeraldas. Mas Madame Arlette, que é telefonista, reina no candomblé e fuma devagar a cachimbada dos sonhos que a vão tornar vidente e preta velha, iniciada, nigromante, abadessa e senhora. Eu volto atrás muitos anos e não volto sozinha. Machado de Assis, José de Alencar, Olavo Bilac, e outros menos célebres e igualmente aparentes e reais, descem pelos caminhos alegrados de laranjas-lima, e eu ouço-os falar de coisas escritas e que não publicaram, ou coisas pensadas que não escreveram. A quimera apodera-se das nossas almas, enquanto que as aves emigram das cidades e soltam de longe os seus cantos. Ouve-se o vento. Mas o vento, em todos os tempos e em todas as culturas se traduziu por espírito. O espírito sopra em todas as regiões do mundo, como o vento; para mim, a primeira das regiões onde ele me parecia habitar era o Brasil. Ainda, às vezes, penso assim.

